

Carta Pedagógica Recid Ceará

Semestre 2013.1

“Para mim, ao repensar os dados concretos da realidade, sendo vivida, o pensamento profético, que é também utópico, implica a denúncia de como estamos vivendo e o anúncio de como poderíamos viver”.

(Paulo Freire, in Pedagogia da Indignação).

Ceará, outubro de 2013.

Estimad@s Educadores(as), companheir@s,

Salve, salve a luta do povo organizado!

Depois de um breve momento sem nos comunicar, sem manter este contato direto com vocês, aqui estamos, para, falando do chão de onde pisamos e do ângulo pelo qual observamos, trazer as denúncias da realidade ora vivida e ao mesmo tempo proclamar os anúncios, proféticos pensamentos, que nos anima á caminhada, sem, de maneira alguma, querer nos redimir frente ao mosaico social que também compomos.

Utilizamo-nos desta, para descrever o contexto sociopolítico no qual nos inserimos e/ou adaptamos no primeiro semestre deste ano (2013). Embora focando este momento, salientamos que esta fotografia é parte de uma paisagem maior, de um amplo cenário. Um recorte de um contexto bem mais complexo. Fragmento de um processo, que não é estanque. Então o que hora apresentamos descrito, sofreu, causou e causará influencias de/em um todo, impossível de não se observar.

O panorama social e político do Ceará, neste período, não diferiu, em muito, dos vossos. Existiam/existem crises que representavam/representam ameaças para nossos povos, contudo, vimos nelas uma oportunidade para promover alternativas populares ao sistema, avançando para uma mudança estrutural, cuja vigência e viabilidade se tornaram incontestáveis. Enfrentamos desafios que vão desde os resquícios dos 02 seguidos anos de seca, aos impactos causados pelos grandes projetos do governo e as influências danosa dos megaeventos. Destacando aqui, o eixão das águas e a implantação do aterro sanitário consorciado no nosso Cariri. Firmes nas nossas bases de trabalho constatamos avanços significativos na lida com nossos grupos culturais, destacando o recente trabalho com as 'meizinheiras' que acoplam sabedorias

ancestrais seculares no Cariri e a contribuição ao Curso de Homeopatia Popular do Projeto Sertão Vivo na região Centro Sul. Ocupamos os espaços que se apresentam como campo de atuação, como os conselhos, fóruns e conferências (Cidades, Assistência Social, Cultura, Educação, entre outras) acompanhando as associações comunitárias de bairros e rurais. Comungando com essas atividades permanentes, entrelaçamos nossas oficinas com as dificuldades e vocês bem já sabem. Ora por questões orçamentária de um governo que veste a camisa dos oprimidos e ceia com os opressores a geléia real. A cada dia nos percebemos poucos e sugados pela demanda de um povo que clama por política de inclusão e valorização algo que está diretamente relacionado com a ação da REDE e que muitas vezes sentimos sua impotência frente aos desafios que lhes são postos.

Frente a tais adversidades, mas motivados pela mística da militância e da esperança, que nos imprime as cicatrizes das diversas lutas assumidas, nos reunimos, enquanto Coletivo Estadual da Recid Ceará, na comunidade Chico Gomes/Crato, onde partilhamos o Calendário, o Plano de Trabalho da Rede para 2013 e avaliação do nosso Planejamento Estadual 2012 a partir do que agregamos da leitura conjuntural e dos desafios apresentados para os processos políticos e pedagógicos desencadeados e vivenciados nas regiões/estado. Ainda neste, indicamos os nossos companheir@s para nos representar, enquanto Nordeste, na Comissão Nacional e, em diálogo com Plano de Trabalho Nacional, encaminhamos a realização do nosso I Encontro Estadual de Juventudes, marcado para acontecer na região Centro-Sul em janeiro de 2013.

Outro importante e decisivo momento para Rede neste período, foi nosso I Encontro do Coletivo Estadual de 2013, acontecido nos dias 18 a 20 de janeiro, na Casa Kolping/Fortaleza, quando nos autoavaliamos enquanto coletivo estadual, planejamos nossas ações para 2013 e realizamos nossa primeira “Debulha Freireana” fazendo uma análise da nossa conjuntura, da realidade na qual estamos inseridos, lançando um olhar sobre os fatos de 2012 e vislumbramos os desafios que impactariam 2013 direta ou indiretamente a sociedade brasileira e o nosso fazer em rede, elencando nossos principais desafios, que foram sintetizados em 05 linhas de ações prioritárias para o planejamento 2013/2014.

Neste encontro, ainda tratamos de distribuir as tarefas relativas ao novo convênio para o coletivo estadual, assim sendo: preparação, lançamento dos editais e formação da equipe estadual de seleção para os educadores, recebimento de currículos, pré-seleção dos educadores e envio das atas ao CAMP. O que aconteceu da forma mais democrática possível, sem a intervenção/participação de nenhum d@s educador@s que estavam como referência (ex-liberad@s). Registrando aqui a deficiência na comunicação entre o CAMP e esta equipe, dificultando, de certa forma, o seu funcionamento.

Quantas coisas não, amig@s?! E lembrando que tudo isto, desde novembro de 2012, realizamos com o empenho d@s educador@s de referência, voluntariado e entidades/grupos parceiros. Sem influência de um convênio, sem o “pé dentro”. Confessamos que não foi fácil, mas foi possível. Construimos as possibilidades em rede, com o empenho de tod@s. Com isso, não queremos dizer que temos uma fórmula de sustentabilidade a apresentar. Só fizemos o necessário, o que estava ao nosso alcance. Nos articulamos, nos empreendemos e ainda sentimos que podíamos mais. Que poderíamos tecer outras histórias. Fazemos aqui, analogia ao filme “A lista de Shindler”, quando ele, mesmo depois de ter salvo inúmeras vidas, ainda sentiu que poderia ter feito mais. E realmente poderia. Assim também percebemos que poderíamos ter tecido e balanceado mais esta rede, que antes de tudo, é feita de gente. De pessoas suscetíveis aos erros. E erramos, certamente. Mas, fomos tocando nossas lutas, nos inserindo em algumas outras, que assumimos também como nossas. E muitas vezes, nos vimos, como diz o dito popular, abraçando muito e não apertando nada! Continuamos nos espaços que entendemos como táticas para nossa estratégia. Mensalmente estávamos nos fóruns de convivência com o semiárido, no fórum estadual de educação, e em outros espaços assumidamente importantes para labuta dos nossos movimentos.

Pois é, querid@s, iniciamos, então, no mês de maio, como bem o sabem, um novo convênio, já sabendo que teríamos ainda mais desafios, pois as “coisas” vinham ainda mais amarradas. Mas, se o assumimos, enquanto coletivo, como importante para nossas lutas, o tocamos em frente, mesmo com as dificuldades de interagi-lo com as atividades de base, sabendo estas estão num tempo diferente daquele.

Essa dificuldade, imaginamos que não peculiar do nosso estado, em acertar os ponteiros do projeto/convênio e dos trabalhos de base, configura-se para nós como um desafio para dentro da Rede. Observamos que o “pé dentro”, muitas vezes, se configura com uma amarra, como algo que precisa ser melhor entendido/vencido por tod@s. À medida que não, isso gera dentro e para além da Rede conflitos enormes. Por vezes, alguns assumem as atividades do projeto como um fim em si mesma, esquecendo-se que existe algo maior, que elas são apenas um meio para esse algo. Agindo e pensando assim, nos sentimos empregados oprimidos, a mercê de um patrão opressor. Questionar(-se) é preciso. Não há como fomentar projeto/poder popular enquanto não nos autoafirmarmos, nos construir enquanto lutadores e lutadoras da causa do povo, com o povo, e o mais importante, sendo povo. Esta é uma questão e um desafio primordial para nós, Recid Ceará, e, imaginamos que também para a Recid Brasil. Não é que a carapuça, de que tanto falamos e procuramos donos, nos caiba (ou até nos sirva mesmo), mas precisamos ter bem construído, fortalecido o nosso papel, enquanto ferramentas de transformação desta sociedade/realidade tão oprimida, excluída pelo sistema que, mesmo em decadência, toma ares de mostro avassalador, talvez, agora nesse novo momento, o seja até mais voraz, por estar acuado.

Não diferente do resto do Brasil, neste período, e ainda em curso, empreendemos, junto a celebração e vivência mística dos nossos 10 anos, a construção da Política Nacional de Educação Popular. Para tal utilizamos como veículo a nossa participação nas conferências municipais e estaduais de educação rumo a 2ª CONAE. Com esse fim, entre outros, nos reunimos novamente enquanto coletivo (II Encontro do Coletivo Estadual 2013), nos dias 14 a 16 de junho, no município de Acopiara. Detalhamos, qualificamos, priorizamos e demos concretude ao Planejamento para 2013/2014, além de qualificar a atuação da Recid estadual neste debate em formulação de táticas para consolidação da Política Nacional de Educação Popular, como também entendemos melhor o nosso processo da Gestão Compartilhada.

No caso específico do nosso estado, estamos bem articulados em relação a essa construção, pois compomos o Fórum Estadual de Educação e isso facilitou/facilita nossa participação em outras conferências municipais. Como resultado dessas articulação/participação, conseguimos pautar e incluir no texto base, em alguns municípios, o debate sobre a política da educação popular. Estamos diretamente ligados

a organização da COEE, mas nem por isso o desafio, de debater e incluir nossas propostas, será menor.

Então, eis junho. Manifestações populares invadiram as ruas na busca imediata por direitos, num cenário de copa das confederações e em vésperas da chegada do Papa ao Brasil. Alguns destes eventos entram em sinergia em detrimento a um outro.

O discurso do Papa, em julho, sobre a centralidade do protagonismo juvenil como agente de transformação e do lugar que o pobre deve ocupar na agenda do país somaram-se e ganharam em sinergia com o que aconteceu no mês anterior.

“Em comum, a multidão na rua e a potência da juventude. De um lado, os acontecimentos de junho de 2013 – o ‘eu me represento’, a conjunção de singularidades-subjetividades produzindo o comum que diz ‘muito mais que 0,20 centavos’; do outro um papa que circula de carro com o vidro aberto, simbologia que remete aos que –poder- em seus carros com insulfilm não veem e não ouvem o ‘estrondo das ruas’.”(Conjunturas da Semana).

Esse novo tipo de movimento, articulado e mobilizado, na sua grande maioria, pelas redes sociais, empreendeu grandes questões estruturais não enfrentadas, de forma clara, (pelo menos não tínhamos evidenciado até então) pelo país que sinalizavam problemas sérios no modelo em curso. Então aqui nos cabe alguns questionamentos: Por que não? Por que não nos vimos neste movimento? O que nos impedia? Nos sentimos representados por ele? De fato, ansiávamos por isso, mas não estivemos. Salvo alguns momentos, aqui no estado, onde caminhamos, marchamos nas ruas da capital em enfrentamento ao “corpo estranho social” que foi a Copa.

Eita, que esse semestre foi efervescente mesmo. O solo foi arado, a semente plantada. Resta, agora, saber dos frutos. Mesmo com essas manifestações, sinalizando o início de uma revolução, ainda apontamos como desafio maior, dentre tantos, a efetivação e vivencia do nosso projeto popular, onde nós, homens e mulheres de todos os lugares deste Brasil, sejamos donos das nossas vontades, sejamos soberanos, livres e iguais em direito nas nossas singularidades diversas.

Encerramos, com as palavras de Paulo Freire que diz:

“Não há possibilidades de pensar o amanhã, mais próximo ou mais remoto, sem que nos achemos em processo permanente

*de “emersão” do hoje, “molhados” do tempo que vivemos, tocados por seus desafios, instigados por séis problemas, inseguros ante a insensatez que anuncia desastres, tomados de justa raiva em face as injustiças profundas que expressam, em níveis que causam assombro, a capacidade humana de transgressão da ética. Ou também alentados por testemunhas de gratuita amorosidade á vida, que fortalecem, em nós, a necessária, mas ás vezes combalida esperança”.***(Paulo Freire, in Pedagogia da Indignação).**

Abraços calorosos dos cearenses em construção,

Rede de Educação Cidadã do Ceará.